

KAFKA, DA POTÊNCIA DO VAZIO AO SUJEITO LEITOR

Isabel Noemi Campos Reis⁶⁸

Resumo

Revisitando o mito que nos apresenta o encontro do herói Ulisses e as misteriosas sereias, a *prosa miúda* escrita por Franz Kafka - 'O silêncio das sereias' - nos convida a percorrer por tempos plurais e repontencializar imagens e leituras, por meio de práticas que nos levam a pensar a respeito das múltiplas dinâmicas presentes no ato de ler e escrever. Por meio da obra 'O silêncio das sereias' de Franz Kafka, a autora-pesquisadora propõe algumas reflexões a respeito de tensões/relações entre o ato de ler e escrever, interpretar e criar, considerando que quando questões relativas às complexidades do ato de ler-escrever se fazem por meio de dinâmicas que afirmam a criação e o pronunciamento crítico-poético, podemos dizer que tais experiências dizem respeito às experiências instituinte.

Palavras-chave: leitor, texto, mito, leituras instituintes

Abstract

By revisiting the myth presenting the encounter of the hero Ulysses with the mysterious sirens, the "short prose" written by Franz Kafka - *The Silence of the Sirens* - invites us to go through plural times and recharge the images and readings, through practices that lead us to think about the multiple dynamics involved in the act of reading and writing. Through the work *The Silence of the Sirens* by Franz Kafka, the author-researcher suggests some reflections on tensions/relationships between the act of reading and writing, interpreting and creating, considering that when matters relating to the complexity of the act of reading-writing are developed through dynamics that affirm creation and critical-poetical pronouncement, we can state that such experiences relate to instituting experiences.

Keywords: reader, text, myth, instituting readings

⁶⁸ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFF e doutoranda em *Poética* pela Faculdade de Letras da UFRRJ. Este artigo foi elaborado durante o curso *Kafka e o trabalho do negativo*, ministrado pelos professores doutores Alberto Pucheu e Flávia Trocoli. E-mail: isabelcamposreis@gmail.com

Capturar uma imagem ou leitura em Franz Kafka torna-se um gesto impossível diante das múltiplas reviravoltas geradas nas dinâmicas do silêncio de muitos dos seus textos. Na potência do vazio, do grunhido, do insignificante, da mudez, da impotência, o não dito emerge do texto em voz muda que não passa despercebida e, de forma singular o não dito faz-se presente alterando papéis, mexendo com mitos e com leituras fixadas, num mesmo instante em que sugere interpretações e imagens tão claras quanto voláteis e, portanto, mais uma vez, impossíveis de serem fixadas como a verdade do escrito.

Evoco Walter Benjamin, quando define este autor como:

Cidadão moderno que se sabe entregue a um aparelho burocrático impenetrável, cuja função é dirigida por instâncias que permanecem imprecisas aos próprios órgãos executores, quanto mais a quem é manipulado por elas.⁶⁹

Mas, se impenetrável é a máquina burocrática moderna, também o é, de outra maneira, a obra de Franz Kafka.

Inspirada por Roland Barthes me volto ao texto de Kafka - 'O silêncio das sereias' -, quando o autor nos faz *aparar com minúcia, redescobrir* o mito, enquanto os sentidos se redistribuem no jogo invisível da linguagem que atravessa tempos e imagens em incessante construção.

Barthes diz que a linguagem é redistribuída e essa redistribuição se faz sempre por corte. Mas como se dá o corte na escritura de Kafka? Encorajada por Barthes, intuo o texto de Kafka como um atópico e penso no não lugar onde aporta o texto deste enigmático autor. Desta atopia, Barthes ressalta um estado *ao mesmo tempo excluído e pacífico*.

⁶⁹ Carta para Gershom Scholem, escrita por Walter Benjamin em 1938. Tradução do alemão e nota de Modesto Carone.

Penso que a impossibilidade de comunicação presente na vida e nos textos de Kafka chame a atenção para a linguagem. Imagino que seja justamente ela – a comunicação – este lugar ao mesmo tempo pacífico e excluído em Kafka.

É recorrente em Franz Kafka, que a comunicação se realize na sua negação, seja na língua muda, nos sons ilegíveis, no silêncio, na não escuta, etc.

O Kafka escritor-leitor provoca no leitor de seus textos a ininterrupta escavação de vazios carregados de labirintos e de leituras a serem construídos, derrubados e/ou percebidos. Ao leitor de Kafka é exigido que escreva outros textos, emaranhados na tessitura do texto apresentado pelo autor.

Na *prosa miúda* ‘O silêncio das sereias’ Kafka vai nos apresentando imagens já conhecidas por meio da mitologia grega, ao mesmo instante em que as desmonta. As fissuras realizadas na negação daquilo que, ao ser desenhado se dissolve, nos oferecem outros dinamismos de abertura para a impenetrabilidade que não permite fixar interpretações. O texto e sua estrutura de vazios revelam outras perspectivas que vão reconfigurando as materialidades e imaterialidades do mito, já tão conhecidos pelos leitores. As realizações insinuadas pelo texto são desfeitas tão logo surgem como possibilidades.

Revisitando o mito que nos apresenta o encontro do herói Ulisses e as misteriosas sereias, a *prosa miúda* escrita por Franz Kafka – ‘O silêncio das sereias’ – nos convida a percorrer por tempos plurais e repontencializar imagens e leituras, por meio de práticas que nos levam a pensar a respeito das múltiplas dinâmicas presentes no ato de ler e escrever.

Percebo em ‘O silêncio das sereias’ uma forma de Kafka radicalizar o ato de ler como ato de escrever. Movido pela

impossibilidade de ser resolvido, este texto opera com a potência narrativa do vazio e do corte, como fontes geradoras de novos e novos fios que vão desdobrando redes, tensões, vazios e rupturas.

Aproximo-me ao escritor Junito Brandão para ressaltar a força do mito como moeda corrente em todos os portos, do Oriente ao Ocidente e recorro a Brandão quando este pesquisador escreve sobre Homero e seus poemas e também nos lembra que “a poesia épica micênica é ‘oral e tradicional’, uma poesia não escrita e transmitida de geração a geração”. (BRANDÃO, 1991, v. I, p. 116).

Tendo a poesia épica sobrevivido através da força dos aedos, o ato de cantar é ressaltado na sua potência comunicativa e expressiva. Mas também os rapsodos, que ligavam versos variados por meio de recitações que, segundo Junito Brandão, tão bem se diferiam dos cânticos, em seus encantamentos também os rapsodos muito contribuíram para que a poesia épica micênica oral e tradicional atravessasse gerações. Não podemos esquecer que a *Ilíada* e a *Odisséia* foram difundidas pelos narradores viajantes que se deslocavam de uma cidade a outra declamando os poemas épicos de Homero.

Junito Brandão retoma uma pergunta formulada por Denys Page: “Como o maior de todos os vates pôde ‘compor’ seus dois poemas épicos sem documento algum escrito sobre o passado? (...) Como pôde ele ter sabido o que sabia? ” (*Ibidem*, p.118) E o próprio Brandão (*Ibidem*) responde, ressaltando a peculiaridade de uma épica ao mesmo instante oral, composta na mente, sem o recurso da escrita e, tradicional, preservada na memória. No entanto, a transmissão feita na oralidade configurou a esta tradição um dinamismo importante.

É interessante que na *prosa miúda* 'O silêncio das sereias', justamente o canto seja colocado em suspensão, quando o Ulisses de Kafka, já conhecendo sua história mitológica, não somente tapa os ouvidos e se amarra aos mastros, como também cria uma ilusão auditiva e se salva possivelmente pela força da sua própria imaginação que ocupa o espaço do seu silêncio, não permitindo que o herói se renda à curiosidade e sedução daquilo que se encontra no vazio como potência de infinitas possibilidades.

Estando o silêncio ocupado pela imaginação do próprio herói que conhecendo sua história pensa que as sereias cantam para encantá-lo, Ulisses é salvo pela oralidade criada na sua mente ao imaginar um canto que não acontece. Neste momento, ela - a imaginação - ocupa o herói para que ele não se desvie ao encontro dos encantos das sereias que bem sabemos serem capazes de penetrar tudo, levando os seduzidos a romper com mais que cadeias, correntes, cadeados e mastros... movidos que estão pela misteriosa força da paixão.

O Ulisses de Kafka mantém-se indiferente ao seu próprio silêncio e ao silêncio das sereias que, seduzidas pelo brilho do par de olhos de Ulisses, não cantam e se contorcem, mais belas do que nunca, no desejo de capturar o herói.

As sedutoras sereias não cantaram, talvez porque se tornaram seduzidas diante do brilho de Ulisses, que se distanciava cada vez mais delas. Possivelmente, o herói tenha se salvado das sereias por não ter sido capturado pelo seu próprio labiríntico silêncio inquietante. Estando a imaginação do herói ocupada com um canto que não acontecia, já que na *prosa miúda* de Kafka as sereias - possivelmente por estarem encantadas por Ulisses -, emudeceram, Ulisses, agora

blindado por sua imaginação, não se perde nos labirintos do silêncio, potente de encantamentos e curiosidades.

Como bem nos lembra Kafka, “as sereias têm uma arma mais terrível que o canto: o seu silêncio”. E talvez, por conhecerem a astúcia do herói Ulisses, estes seres mitológicos do encantamento decidiram pela arma fatal, uma vez que todos sabem que do silêncio das sereias não há na terra quem resista.

No entanto, possivelmente por estar imerso num canto imaginado que não existia, Ulisses não escutou o canto das sereias e nem tampouco o silêncio:

(...) poderosas cantoras não cantaram, seja porque julgavam que só o silêncio poderia conseguir alguma coisa desse adversário, seja porque o ar de felicidade no rosto de Ulisses – que não pensava em outra coisa a não ser em cera e correntes – as fez esquecer de todo e qualquer canto (KAFKA, 2002, pp.104-106).

Junito Brandão nos conta que:

Homero fazia-se compreender perfeitamente por seu público, pois que o passado, vivendo na tradição, era presença constante nos lábios dos aedos e rapsodos e o canto, à medida que se despojava dos elementos emotivos, vai se tornando objeto de narrativa (*BRANDÃO Opus Cit*, pp. 121 e 122).

Na *prosa miúda* ‘O silêncio das sereias’, Kafka nos vai revelando que até mesmo o vazio do canto mudo é profundamente narrativo.

Imagino que em ‘O silêncio das sereias’, o não vivido por Ulisses e o não vivido pelas sereias ganha uma encorpatura por meio da narrativa presente no silêncio e na tradição mitológica. Aquilo que Ulisses vive é talvez o não

vivido que se torna de tal sorte existente no herói, que ele não se sente seduzido pelo vazio que guarda e gera o infinito, capaz de nos provocar, nos capturar, nos seduzir. Recorro a Franz Kafka, quando diz que:

As sereias, agora encantadas, já não queriam seduzir, desejavam apenas capturar, o mais longamente possível, o brilho do grande par de olhos de Ulisses. Se as sereias tivessem consciência, teriam sido então aniquiladas. Mas permaneceram assim e só Ulisses escapou delas (KAFKA, *Opus Cit*, p.104-106).

O mito é trazido como as ondas e correntezas que cumprem as ordens dos deuses, mas ao existir no presente reapresentado por Kafka, ele - o mito - habita ao mesmo instante o passado, o presente e o futuro sendo continuamente revolvido por conjunções, por imperativos afirmativos, que vão sendo retorcidos pelos advérbios que desinstalam certezas e desorganizam aquilo que parece chegar perto de uma interpretação convincente.

De resto, chegou até nós mais um apêndice. Diz-se que Ulisses era tão astucioso, uma raposa tão ladina, que mesmo a deusa do destino não conseguia devassar seu íntimo. Talvez ele tivesse realmente percebido - embora isso não possa ser captado pela razão humana - que as sereias haviam silenciado e se opôs a elas e aos deuses usando como escudo o jogo de aparências (KAFKA, *Opus Cit*, 104-106).

Talvez por ser bisneto de Hermes, deus dos ardis e das trapaças - dentre tantas outras qualidades - Ulisses carregue em si, junto à inteligência exuberante, à coragem, à prudência e à determinação, uma malícia que lhe amplia as habilidades.

Na 'Odisséia', com a destruição de Tróia, o herói Ulisses - ou Odysseús - passa peregrinando por dez anos em seu regresso a Ítaca. Durante as diversas missões repletas de provas, o herói grego estando ainda na ilha da feiticeira Circe é

advertido por ela dos perigos que enfrentará nas novas aventuras para as quais se lançará. Seguindo os conselhos de Circe, Ulisses consegue vencer à tentação das Sereias. Mas o Ulisses de Kafka consegue até mesmo não ser tentado por elas, permanecendo imerso em sua mente que intensamente narra um cantar que não existe naquele novo agora. Renovado, o mito é incessantemente reaberto ao ponto de inverter papéis... levando, por exemplo, as sereias a vivenciarem o lugar do seduzido, do capturado, do encantado.

Mas como se dá o vazio no texto 'O Silêncio das sereias'? Com ele - o vazio -, novas possibilidades voltam a rasurar o texto, não permitindo a inércia da obra literária.

Se o destino de Ulisses permanece ligado ao mito, reafirmando as predições da Moíra, Kafka reabre o mito num jogo que confirma o destino, ao mesmo instante em que infla o dinâmico movimento de abertura que constantemente reafirma e renova o mito. Para desdobrar um mito é necessário ter um distanciamento, sem no entanto, matar sua inexplicabilidade, uma vez que esta é uma das qualidades que o faz dinâmico e vivo.

Ainda que no 'O silêncio das sereias' Ulisses e as sereias sigam, sem perder a individualidade, Kafka nos mostra que um e outro já não são mais os mesmos, ainda que reafirmem o mito. Um jogo constante entre o que se vê e o que não se vê; o que se conhece e o que se lê, remonta os personagens e com eles, o próprio enigma do mito e do texto.

O professor e poeta Alberto Pucheu (2014) destaca:

Não se trata, de modo algum, do estabelecimento de um novo sentido, ainda que torcido, a um objeto de interpretação, mas exatamente do risco, da rasura, de qualquer possibilidade de sentido de um objeto existido. O que se sabe é apenas da insistência do enigma, a ser preservado (p. 18).

Barthes chama a atenção para o sulco, a inscrição, a síncope como uma física da fruição e destaca a importância daquilo que no ato de ler é cavado, batido ou que explode, que detona. Em 'O prazer do texto', o autor nos fala a respeito da importância de:

Uma fala ao mesmo tempo muito cultural e muito selvagem, que através de um fluxo aparente - e, no entanto, descontínuo - constitui-se numa não-frase que não seria, no entanto, algo que não tivesse tido poder para chegar à frase, que tivesse existido antes da frase; era: aquilo que existe eternamente, soberbamente, fora da frase (BARTHES, 1977, p. 55, 56 e 65).

Barthes ainda registra que “a perversão não basta para definir fruição: é o extremo da perversão que a define: extremo sempre deslocado, extremo, vazio, móvel, imprevisível. Este extremo assegura fruição”. (BARTHES, *Opus Cit*, p. 68).

A *prosa miúda* 'O silêncio das sereias' nos coloca em estado de fruição nos levando a labirínticos percursos que exigem de nós - leitores - a lida de escavadores artesãos. Na busca de uma possível entrada no texto, o leitor-fruidor descobre que portas, janelas, vãos, fendas, gretas, buracos e silêncios não permanecem fixos e, suas aparentes fragilidades, repentinamente revelam forças capazes de fazer do texto de Kafka, ao mesmo tempo, impenetrável e enigmático.

Em Kafka, o leitor escavador-fruidor vai sendo tecido pelo próprio texto e pelo fora dele, de tal forma, que ele, leitor-fruidor, torna-se também escritor e devolve ao texto o dinamismo que a própria tessitura textual lhe inspira: a vibração necessária para que o texto e o leitor façam do diálogo e do não diálogo, atos criadores; transformadores;

corajosos; capazes de fazer da zona de desconforto, construção.

Como bem nos instiga Adorno, na obra de Franz Kafka *cada frase diz*:

Interprete-me; e nenhuma frase tolera a interpretação'. Kafka exige do observador pretensamente desinteressado um esforço desesperado, agredindo-o e sugerindo que de sua correta compreensão depende muito mais que apenas o equilíbrio espiritual: é uma questão de vida ou morte. Um dos pressupostos mais importantes de Kafka é que a relação contemplativa entre o leitor e o texto é radicalmente perturbada. Os seus textos são dispostos de maneira a não manter uma distância constante com sua vítima, mas sim excitar de tal forma os seus sentimentos que ela deve temer que o narrado venha em sua direção, assim como as locomotivas avançam sobre o público na técnica tridimensional do cinema mais recente. Essa proximidade física agressiva interrompe o costume do leitor de se identificar com as figuras do romance. (...) Quem percebe isso e prefere não fugir correndo deve arriscar a cabeça, ou então tentar derrubar a parede com a própria cabeça, correndo o risco de não ter uma sorte melhor que a de seus antecessores. Como num conto de fadas, os destinos dos que falharam em resolver o enigma, em vez de assustar, serve de incentivo. Enquanto a palavra enigma não for encontrada, o leitor permanece preso (ADORNO, 2001, p. 241).

Na potência do vazio, o texto 'O silêncio das sereias' – bem como o leitor –, se locomovem. Mas tratando-se de Kafka e mais especificamente da prosa miúda 'O silêncio das sereias', se a *palavra* enigma é encontrada, logo um derrapante a faz fugir, determinando que a procura pelo enigma não cesse e o leitor, prisioneiro do ato de ler, somente no ato de ler se liberte.

Referências

ADORNO, T. W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução A. Wernet e J.M.B. de Almeida. São Paulo: Ática, 2001.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Ed. Perspectiva, Coleção Elos, 1977.

BENJAMIN, W.; SCHOLEM, G. *Correspondência*. Tradução Neusa Soliz. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993 [a carta citada foi a de 12 de junho de 1938].

BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Ed. Vozes, v. I, 7ª edição revisada, 1991.

KAFKA, F. O Silêncio das sereias. In: *Narrativas do Espólio*. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.104-106.

PUCHEU, A. *Kafka: a vibração mais que humana: do pré-literário ou da anteliteratura*. Rio de Janeiro, 2014. (citação pág 6 deste texto)